

Idiotopias

Alguns aspectos

sobre crítica literária (1)

por B. Xavier

Que não existe crítica literária em Moçambique, não sabemos. Que ela faz falta, também. Que a maioria dos textos publicados com a pretensão de o serem não passam de desconchavos pretensiosos a que só a ignorância dá coragem ou obnoxia inocência, idem.

E que é preciso fazê-la nascer? SIM. A partir

desta edição e em quatro partes a Gazeta irá publicar um extenso trabalho assinado por B. Xavier que pretende ser uma sistematização/apresentação de alguns métodos e teorias em torno da «questão» literária.

Parecerá árido? Fastidioso? Pois é. Todo o saber custa mas é preciso saber.

TEMPO — 12/1/86

A crítica tem-se revelado, no nosso meio literário, uma preocupação que chega a assumir características de obsessão. Tal preocupação afigura-se-nos plena de legitimidade se considerarmos, por um lado, o lugar extremamente importante que ela ocupa no campo literário (o espaço da produção, distribuição e recepção de bens simbólicos de natureza literária) e, por outro lado, a sua prática corrente que prima, se não pela ausência, talvez por uma bem sensível escassez (isto para não nos referirmos já à qualidade — assunto que abordaremos mais adiante e que é, praticamente, o cerne do nosso trabalho).

Atentemos, pois, no aspecto que referimos como abonatório da legitimidade da preocupação pela crítica.

O sistema literário integra-se no sistema cultural em geral, ao lado de outros de natureza semelhante, cumprindo funções de comunicação. A literatura, bem como as outras artes, «deixaram de ser úteis, ou de ser ornamentos dos ócios de classes restritas, para serem a *representação concreta* (...) da humanidade, no seu esforço e na sua exigência de reconhecer-se como tal. São essenciais à condição humana, como expressão de uma sempre acrescentada experiência da consciência livre...» (1). Encontramos, neste fragmento, atribuído à literatura o carácter humano, o que implica, já que o homem é um ser social, uma transmissão transindividual da consciência que se expressa. Isto leva-nos a concluir que

existe um sujeito da experiência que posteriormente a emite (emissor) de modo a fazê-la chegar a um receptor. Mas, uma vez que as experiências não são passíveis de transplante e são, na sua essência, irrepetíveis, existe a necessidade da sua representação em condições que garantam uma eficaz reconstituição (a nível mental, claro). Essa garantia é dada por um código comum aos dois pólos da comunicação. Contudo, isto a que chamamos «código» é, em termos de literatura, algo bastante complexo, envolvendo uma interação de múltiplos códigos (linguísticos, temáticos, estilísticos, ideológicos, etc.), o que justifica a designação de POLICÓDIGO ou HIPERCÓDIGO literário. Sendo assim, e porque nem todos estes

códigos são do domínio do leitor comum, torna-se necessária a intervenção de um leitor especializado, capaz de detectar e explicitar todas estas subtilidades — o crítico.

Saliente-se que não partilhamos da opinião dos que afirmam que a arte em si é «muda» e só a crítica «fala», pretendendo que qualquer leitura directa, sem a mediação de um crítico redundaria numa ilegibilidade em cem por cento (2). O que defendemos é que a recepção nestas condições seria marcada por uma deficiente apreensão da mensagem veiculada pela obra, deficiência essa que variaria de grau conforme o grau de codificação usado na sua emissão. O crítico não substitui, de modo nenhum, o artista; ele apenas assume uma função pedagógica, de pioneiro no processo da leitura. Nunca o enunciado crítico se pode sobrepor ao enunciado artístico. Por outro lado, não cremos que seja de sobrevalorizar a crítica, colocando-a no lugar que se destina ao leitor comum (porque também a leitura crítica é, em última análise, uma leitura e como tal contaminada pela subjectividade do seu protagonista). Assim, instituindo-se como intermediária, a crítica tem uma função que corresponde a uma dupla actividade: a de estabelecer uma comunicação com o seu objecto (a obra) e, ao mesmo tempo, comunicar com o seu destinatário (o público). Só deste modo ela poderá reforçar ou, eventualmente, transformar os elos que ligam o sujeito emissor ao receptor; a sua actividade enriquece a obra porque lhe confere maiores potencialidades significativas junto do público, também ele enriquecido e mais predisposto para a recepção merecida da comunicação entabulada com a mensagem do crítico (3).

A crítica está fundamentalmente integrada na esfera da recepção. Tudo quanto expusemos até aqui refere-se quase somente à sua função no sentido artista-público. Porém, ela é de grande importância no sentido inverso e, como tal, ganha pertinência na esfera da produção. De que modo?

O artista e o seu público fazem parte de um mesmo meio social e cultural. Entre ambos existem estreitas relações e afinidades ditadas por uma vivência colectiva e uma comunhão de objectivos a atingir em tanto que sociedade (4). Aliás, a neces-

sidade de comunicação aponta para estes aspectos. Uma vez emitida a mensagem, o emissor precisa de conhecer as condições em que ela foi recebida, o sucesso ou malogro do acto de comunicação que desencadeou. Entre outras formas, como por exemplo o sucesso comercial, a crítica é o processo que nos parece mais eficaz. É através da crítica que o autor se informa da sua aceitação, do grau de legibilidade da sua obra, do tipo de público que atinge, da necessidade de inovação ou continuidade da sua forma de escrever (abrangendo com o vocábulo «forma» os níveis de expressão e substância e não apenas o primeiro, como à partida se pode pensar), e muito mais informação necessária para a melhoria da qualidade do seu trabalho. Portanto, a crítica protagoniza o papel principal do processo de «feedback» no campo da literatura.

ALGUNS CONCEITOS

Tentámos definir o lugar que cabe à crítica no fenómeno literário, algumas das suas funções que só por si justificam a sua necessidade. Importa, pois, apresentar alguns conceitos que nos levem a uma melhor orientação da actividade de modo a garantir que ela cumpra os objectivos a que se propõe — falamos de uma metodologia de crítica literária.

A condição prévia para a adopção de um método é o conhecimento rigoroso das condições de existência do objecto sobre o qual se trabalha — o texto literário. Assim, achamos pertinente que a nossa exposição se detenha um pouco nesta problemática. Trata-se de um assunto de reconhecida complexidade e, como tal, uma análise pormenorizada não cabe no âmbito deste trabalho. Contentar-nos-emos, então, com uma apresentação sucinta de algumas das que achamos mais importantes facetas desta questão.

O texto literário é o enunciado re-

sultante da actualização das virtualidades oferecidas pelo sistema literário — também ele um POLISSISTEMA ou HIPERSISTEMA. A sua produção consiste num trabalho de selecção e organização, por meio de um código (chamamos a atenção para o facto de os termos código e sistema literário usados daqui em diante serem uma substituição cómoda dos termos hipercódigo/policódigo e hipersistema/polissistema respectivamente) dos diversos «materiais» postos à disposição por esse sistema abstracto, trabalho esse orientado segundo os objectivos que o emissor procura atingir. O sistema literário é um sistema de comunicação e os «materiais» que fornece ao emissor são os *signos*.

Definamos, como nos ensina a Semiótica, o signo como algo que representa algo (diferente de si mesmo) para alguém. Temos, então, que existe uma relação entre o signo e o objecto que representa — a SEMÂNTICA —, uma relação entre o signo e os indivíduos que dele se servem — a PRAGMÁTICA — e finalmente, porque os enunciados não se constroem só com um signo, as relações entre os signos co-ocorrentes no texto — a SINTAXE. É no espaço destes três domínios que se devem investigar as tais condições de existência do texto literário.

Na Sintaxe atentar-se-á na estruturação da obra, na disposição dos elementos, e a sua sequência e o seu encaadamento. A Semântica investigará o plano do conteúdo, as significações imediatamente apontadas pelos signos — Semântica Intencional — e aquelas mediatizadas por um certo posicionamento na leitura — Semântica Extensional. Por esta última se vê a estreita relação deste domínio com o da Pragmática. A Pragmática tratará do texto literário nas suas relações com o contexto histórico, social e cultural em que ela se insere (o Mundo e os homens com as suas crenças e realizações que o constituem).

NOTAS:

- 1 — Sena, Jorge de, «Dialécticas da Literatura», Lisboa, Edições 70, 1973, pp 115/6.
- 2 — Frye, Northrop, «Anatomy of Criticism», Princeton, Princeton University Press, 1957.
- 3 — Reis, Carlos, «Técnicas de Análise Textual», Coimbra, Almedina, 1981, pp 26/7.
- 4 — Chamamos a atenção para o facto de o sentido de «sociedade» poder referir-se tanto a comunidades pequenas e fechadas como à humanidade em geral.